

## ALCÁÇOVA DO CASTELO DE MÉRTOLA NECRÓPOLE MEDIEVAL E MODERNA

Maria de Fátima PALMA<sup>1</sup>  
Clara RODRIGUES<sup>1</sup>  
Teresa CARMO<sup>1</sup>

### Abstract

Mértola's Archaeological Site began its work in the Alcáçova of the Castle of Mértola. Since 1978 we uncovered a dense necropolis from the Late Middle Ages/Early Modern Period, an intricate Islamic neighbourhood and an impressive paleo-Christian religious complex that integrates a crypto-porticus, a 6th century baptistery and an interesting collection of mosaics with a strong Byzantine influence, which have been largely studied and divulged. After the Christian conquest, in 1238, this entire area, formerly occupied by the Islamic neighbourhood, was converted by the victors into a graveyard, from which already more than 700 graves were exhumed.

In this article we present one of the less known phases of this important site, the Medieval / Modern necropolis, excavated during the last 35 years of research. The more than 700 graves excavated until now brought to light several Archaeological and Anthropological data, which combined allow a better understanding of this necropolis, of the population that inhabited Mértola, and of the innumerable pathologies that were identified. The study of the graves and human remains allows for the characterisation of ancient societies, particularly of their way of life, religious beliefs, funerary rituals, and in some cases of the activities to which the populations dedicated themselves. This is a work in progress, since the excavations in this site are still underway and each year new subjects are exhumed, allowing further study and also the analysis of older data. In spite of the large quantity of excavated graves, a more systematic Anthropological study only began to be realised a few years ago, now showing its first results.

### 1. Alcáçova do Castelo de Mértola – breve contextualização

Os trabalhos arqueológicos em Mértola desenvolvem-se há trinta e cinco anos e a zona mais alta foi o sítio inicial das investigações nesta pequena vila. A Alcáçova do Castelo de Mértola situa-se na área mais alcantilada do espaço intramuros, foi o centro militar e religioso. No seu topo, o Castelo dominava a vila, aos seus pés, edifícios religiosos sacralizavam um espaço dominado pelos representantes do poder. Na vertente norte da encosta do Castelo, o possível *forum* da cidade romana cria uma plataforma artificial, suporte do mais imponente conjunto monumental da velha Myrtilis. Todo este espaço,

aplanado artificialmente, assentava na muralha e numa galeria subterrânea, o criptopórtico, com cerca de 30 metros de comprimento e 6 de altura que serviu de armazenamento alimentar e mais tarde de cisterna.

Na Antiguidade Tardia, foram erigidas sobre o criptopórtico um conjunto de sumptuosas construções religiosas. Entre estas contam-se as ruínas de um baptistério do século V, na altura revestido de mármore e rodeado por um belo conjunto de mosaicos policromos de que restam alguns fragmentos significativos. Os mosaicos apresentam uma rica figuração de animais e cenas de caça, com especial destaque para a representação de um cavaleiro caçando com um falcão e para uma composição de dois leões afrontados separados pela árvore da vida. Estes mosaicos contam com paralelos em edifícios religiosos do Mediterrâneo Oriental do século VI.

Em época islâmica, no decurso dos séculos XI e XII, toda esta zona é ocupada por um bairro habitacional. Na segunda metade do século XII um conjunto de obras públicas teve lugar na área a que chamamos hoje zona palatina. Nelas se incluiu um amplo programa de remodelação da mesquita.

Deste bairro conhecemos cerca de vinte casas, todas elas têm basicamente as mesmas estruturas: um átrio servia de mediação entre o exterior e o coração do lar, cujo centro era um pátio central descoberto, com ou sem tanque. Através deste pátio, chegava-se a um ou vários salões, com as suas respectivas alcovas, à latrina e à cozinha, em algumas delas com áreas diferenciadas para a confecção e para o armazenamento dos alimentos.

Este bairro possui um bem delineado traçado de ruas e a concepção de sistemas de saneamento. A rede viária organizava-se, na extensão até agora posta a descoberto, em eixos delineados em linhas perpendiculares entre si. A área habitada era estruturada por duas ruas que delimitavam a alcáçova a norte e a oeste. (MACIAS, 2005). Este modelo de casa terá predominado em todos os espaços urbanos do al-Andalus ao longo dos séculos XII e XIII e cuja organização não conheceu grandes alterações formais. No entanto, não existem dois exemplares de casa iguais e as variações detectáveis são referentes às dimensões das casas, à qualidade da sua construção (tanto nos cuidados estruturais existentes como no que respeita aos materiais utilizados) ou à aplicação de elementos decorativos. (MACIAS, 2005).

Depois da conquista cristã de 1238, o bairro é completamente abandonado e o espaço que se foi aplanando é adaptado a cemitério aquando da cristianização da Mesquita que é transformada em Igreja, pela Ordem de Santiago. É nesta altura que este espaço, muito próximo da Igreja, começa a ser utilizado como cemitério. Este era um campo-santo, alargado e com alguma dimensão onde se sepultavam os entes queridos. Numa altura em que o estatuto e o poder económico diferenciavam aqueles que podiam pagar para serem sepultados junto da Igreja e aqueles que teriam que ficar mais longe. Desta forma, era em torno das igrejas ou no

<sup>1</sup> Campo Arqueológico de Mértola - Bolseiras da Fundação para a Ciência e Tecnologia/FCT

seu interior que se enterravam os mais abastados. A matriz cultural da altura acreditava que quanto mais perto das igrejas fossem enterrados os corpos, estariam mais perto de Deus ou o seu caminho até ao firmamento seria mais célere.

Esta necrópole terá tido um longo período temporal entre a época medieval e moderna, evidências comprovadas arqueologicamente pelas sepulturas escavadas as quais já ultrapassam as sete centenas. No entanto, testemunhos mais recentes mostram-nos que a prática de sepultamento neste local terá durado até inícios do século XX, mesmo depois da construção do Cemitério Municipal - um pouco mais ao lado. Demonstrativo da durabilidade deste primeiro cemitério, até à centúria dos anos cinquenta do século passado, são as fotografias do Arquivo da Direcção - Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) dos anos quarenta do século XX (**Fig.1**), onde podemos ver a Igreja ainda com um pequeno cemitério na zona Oeste. Recordam-se e certificam os naturais de Mértola, os que já ultrapassaram os sessenta anos, que neste local havia um cemitério e a respectiva “carneira”. Este já não era o cemitério principal mas ainda detinha reminiscências dos enterramentos que ali haviam sido realizados. Note-se pela imagem que o espaço já era diminuto em relação ao número de sepulturas já escavadas e em relação à área hoje denominada como de Alcáçova do Castelo. O aparecimento de moedas datadas entre o século XIII e finais do século XVIII, provenientes das sepulturas e das terras em volta, vem reforçar o que se supõe ter sido o espaço temporal de ocupação da necrópole cristã, ou seja, cerca de 500 anos de enterramentos desde a reconquista cristã até ao abandono devido à construção do novo cemitério na segunda metade do século XIX. Até meados do século XIX esteve em uso o cemitério junto da Igreja Matriz que, em meados do século XX ainda se encontrava murado enquanto a área mais antiga se encontrava completamente abandonada.

Se por um lado pensarmos que toda esta extensa necrópole se estabeleceu sobre o antigo bairro islâmico da Alcáçova, a ideia seria que o bairro estaria altamente destruído pelas inúmeras fossas de enterramento. Contudo, toda a sequência estratigráfica desde época romana foi preservada por esta necrópole, que por um lado foi factor de perturbação da estratigrafia, mas que por outro foi factor de conservação. Isto é, o contexto funerário com uma longa duração temporal não permitiu construções posteriores, as quais poderiam ter destruído os níveis estratigráficos mais antigos.

A escavação desta densa necrópole, com enterramentos confirmados entre o século XIII e XVIII, está a permitir reconstruir rituais funerários, e alguns hábitos na alimentação e na saúde dos habitantes de Mértola na Baixa Idade Média e nos alvares do Período Moderno.

### 3. Análise das estruturas funerárias da Necrópole Medieval e Moderna

A Necrópole medieval e moderna de Mértola está implantada dentro das muralhas nas zonas arqueológicas denominadas por: Encosta do Castelo, Alcáçova do Castelo, Largo da Igreja, Mesquita Igreja Matriz e Biblioteca Municipal, – que têm vindo a ser alvo de intervenção arqueológica desde 1978 até à data presente. Os campos mortuários sobrepõem-se e em alguns casos destroem vestígios arquitectónicos pertencentes a edifícios da antiguidade tardia e de um antigo bairro islâmico, como se constata na Encosta e Alcáçova do Castelo. A estrutura da fossa sepulcral e a sua cobertura são por vezes, construídas, reutilizando materiais provenientes das ocupações anteriores deste local, provocando, em alguns casos a destruição dos vestígios arqueológicos dessas ocupações. Porém existem situações em que o facto de se ter implantado uma necrópole por cima de outras estruturas foi um factor de preservação para as mesmas, nomeadamente, no que respeita ao acto de vandalismos, pois o respeito pela morte evita-os.

Ao longo de 35 anos de trabalhos foi possível colocar a descoberto 761 sepulturas, a análise documental, funerária, os rituais funerários e o estudo dos artefactos permitiram datar o uso desta necrópole entre os séculos XIII e XVIII.

A Análise funerária revelou que estamos perante uma necrópole de inumação, cujas sepulturas apresentam cinco tipologias:

- 1- Fossas simples abertas no substrato existente – 444 casos.
- 2- Fossas simples abertas no substrato com a cabeceira lateralmente delimitada por pedras ou lajes de xisto e por tijolos reaproveitados do bairro islâmico – 221 casos.
- 3- Fossas simples parcialmente delimitadas na parte superior por pedras e lajes de xisto ou tijolos – 85 casos.
- 4- Fossa totalmente delimitadas por lajes e pedras de xisto ou tijolos – 11 casos.
- 5- Caixão - esta tipologia está documentado apenas em dois casos. É atestada apenas pela presença, número e disposição de pregos em volta do indivíduo.

Uma análise pormenorizada ao enterramento indica-nos que alguns dos indivíduos foram sepultados envoltos num sudário, indicações que nos são dadas não só pela presença de alfinetes, mas também pela forma como os ossos se encontram dispostos.

Refere-se ainda alguns casos, está presente a almofada funerária, confirmada, pela presença de pedras, lajes ou tijolos colocados por baixo do crânio, ou simplesmente uma porção de terra mais elevada. Existem porem casos, em que a almofada funerária não está presente mas a posição em que encontramos o crânio e a mandíbula, nos indicam a possibilidade de esta ter existido, talvez em material orgânico que se degradou.

Grande parte destas fossas não apresenta cobertura (604). Uma pequena percentagem apresenta cobertura parcial, até a zona abdominal, constituída, por lajes de xisto (23), ou cobertura total, também está feita em lajes de xisto (9). As restantes apresentam apenas cabeceira coberta, normalmente, por lajes de xisto, mas também surgem casos onde ocorreu o aproveitamento dos materiais de construção das ocupações anteriores, telhas, tijolos, mármore. A preferência pelo xisto é apenas por que este é um material regional de fácil acesso.

Os indivíduos exumados revelam a existência de dois tipos de enterramento; o individual e o colectivo, sendo que neste último observámos três realidades diferentes:

- 1-Enterramento primário com redução de um ou mais indivíduos em seu redor. (Reutilização da sepultura).
- 2-Enterramento primário de dois ou mais indivíduos em simultâneo.
- 3-Enterramento secundário (ossários ou carneiras).

A exumação dos indivíduos revelou que estão presentes diferentes deposições para as quatro tipologias no que respeita a colocação do cadáver na sepultura:

- 1- Decúbito dorsal está presente em 696 das sepulturas exumadas (segue a regra dos enterramentos cristãos, na grande maioria dos casos com a cabeça orientada a W e SW que perfaz um total de 89).
- 2- Decúbito ventral (apenas se registaram dois casos, dois indivíduos adultos do sexo feminino, ambos com a cabeça orientada a W, esta posição pode estar relacionado com um acto de punição, pela prática de bruxarias).
- 3- Decúbito lateral direito (dos indivíduos que apresentam esta tipologia (7), apenas um (adulto/masculino), é consistente com a orientação S/N. Utilizada em necrópoles islâmicas, o que nos suscita algumas dúvidas. Os restantes apresentam a cabeça orientada a W ou SW, pertencem a indivíduos adultos de ambos os sexos. Apenas um é infantil. Somente um indivíduo apresenta a cabeça orientada a NE, no qual não foi possível determinar o sexo e a idade).
- 4- Decúbito lateral esquerdo. Está representado em oito sepulturas, sendo que destas, cinco estão orientadas a W, uma SW, uma a S e uma a E. Cinco dos casos são infantis de sexo indeterminado, um adulto masculino e um adulto feminino. Num dos casos foi impossível determinar o sexo e a idade. Nesta necrópole estão ainda presentes indivíduos que apresentam a cabeça orientada a NO (13), SE(3) e N (2).

Qual o porque de tantas orientações diferentes? Sabemos que nem sempre as crianças obedecem a regra, mas e os adultos? É apenas uma questão de aproveitamento do espaço? Estas são questões para as quais ainda não se obteve resposta.

O estudo antropológico desta colecção foi apenas efectuado numa pequena amostra que corresponde a 196 sepulturas, perfazendo um total de 271 indivíduos analisados.

#### 4. Estudo Antropológico

Este estudo foi realizado por alunos da universidade de Coimbra no âmbito de trabalhos de licenciatura e teses de mestrado. Estes trabalhos permitiram caracterizar aspectos biológicos e patológicos referentes à população residente em Mértola na época em questão através da estimativa do perfil biológico e da análise patológica efectuada para cada um dos indivíduos, que permite aceder não só as características sexuais, etárias, morfológicas, métricas e não métricas, e patológicas do indivíduo como possibilita acesso a dados da sociedade a que pertencem.

A metodologia utilizada para realizar o estudo consistiu na observação, registo exaustivo e medição de todos os ossos, com recurso a tábua osteométrica, craveira digital, compasso, fita métrica e lupa.

O perfil biológico efectuou-se através da análise sexual, e estimativa da idade á morte, recorrendo a metodologias adequadas para o efeito.

##### 4.1 *Diagnose sexual*

Foi efectuado somente para os indivíduos adultos, através da avaliação das características morfológicas que são distintas entre sexos, no crânio, mandíbula e coxais, propostas por Ferembach e tal. 1980; Buikstra e Ubelaker, 1994, na avaliação métrica dos ossos longos, úmeros, rádios, fémures e tíbias, propostas por Wasterlain, 2000 e na medição dos talus e calcâneos segundo Silva, 1995.

##### 4.2 *Estimativa da idade à morte*

Teve como referência o desenvolvimento ósseo em geral, o comprimento dos ossos longos e a dentição presente, para a qual foi efectuado o registo dos dentes erupcionados (decíduos e definitivos), dos parcialmente erupcionados e inclusos, no caso dos não adultos.

Nos não adultos a estimativa da idade a morte foi realizada recorrendo à representatividade dentária, comparando-a com os esquemas desenvolvidos por Ubelaker, 1989 e ao comprimento das diáfises dos ossos longos segundo Stloukal e Hanáčová, 1978 e Scheuer e Black, 2000. Foi ainda observado o grau de união epifisária dos diversos ossos segundo Ferembach e tal, 1980.

	<b>Estatura</b>	<b>Índice de robustez</b>	<b>Índice de achatamento</b>	<b>Caracteres discretos cranianos</b>	<b>Caracteres discretos pós cranianos</b>
<b>Masculino</b>	69	26	56	34	61
<b>Feminino</b>	34	19	31	23	36
<b>Indeterminado</b>	1		2	3	7
<b>Adolescentes</b>				4	9
<b>Infantis</b>				4	2

Nos adultos a determinação de idade a morte foi efectuada com base na observação de diversos ossos, o crânio os coxais, as costelas, e as clavículas, segundo os métodos de Lovejoy et al 1985, Brooks e Suchey, 1990, MacLaughlin, 1990, Masset, 1989, Loth e Iscan, 1989

Em 174 dos indivíduos adultos analisados, a idade à morte ocorreu na fase adulta, dos quais 98 são masculinos e 53 são femininos e 23 permanecem indeterminados. A idade a morte na fase não adulta ocorreu em 97 dos indivíduos estudados, para os quais não foi determinado o sexo. Distribuídos da seguinte forma:

A estatura foi calculada nos indivíduos adultos utilizando o método de Olivier et al 1978 e Mendonça, 2000, para o comprimento dos ossos longos. Foi igualmente utilizado o método de Santos, 2002 para as medidas dos 1º e 2º metatársicos.

O calculo efectuado em 104 indivíduos de ambos os sexos permitiu estabelecer que os indivíduos masculinos apresentam uma estatura entre (1.53/ 1.72 m), e os femininos entre (1.42/ 1.70 m).

Da amostra estudada 45 indivíduos adultos apresentam índices de robustez, obtidos segundo o método de Olivier e Demoulin, 1990.

Para avaliar o achatamento ósseo verificado em 89 dos indivíduos que compõe esta amostra, utilizou-se o método de Olivier e tal 1978, que permite avaliar o índice pilástrico, platimérico e cnémico.

No que respeita aos caracteres discretos, os cranianos estão presentes em 68 indivíduos e foram identificados através da lista de características propostas por Hauser e DeStefano, 1989. Os pós cranianos estão presentes em 115 dos indivíduos estudados. E foram identificados através das listas de características de Finnegan, 1978 e Saunders, 1978.

## 5. A Análise patológica

Esta análise foi efectuada através de uma observação macroscópica e rigorosa de todas as peças ósseas, de forma a registar todas as alterações de cariz patológico, e

desta forma elaborar um estudo descritivo de todas as anomalias, bem com o registo fotográfico das mesmas.

A análise destas alterações patológicas permite compreender aspectos específicos das populações do passado, como por exemplo conhecer o estado geral da saúde da população, o tipo de alimentos que ingeriam e as doenças que os mais afligiam.

<b>Adultos</b>	<b>Não adultos</b>
adultos jovens faixa etária dos 20 aos 35 anos (62)	fetos 8
adultos maduros faixa etária dos 35 aos 50 anos (97)	infantil I do nascimento aos 3 anos (34)
adultos senis mais de 50 anos (11)	II dos 3 aos 12 anos de idade (37) adolescentes dos 12 aos 20 anos (18)

Na amostra estudada foram detectadas diversas patologias, presentes sobretudo em indivíduos adultos de ambos os sexos, os indivíduos adolescentes e infantis apresentam sobretudo patologias orais.

Das patologias detetadas nos adultos, estão presentes em maior número, as degenerativas articulares que foram classificadas de acordo com duas escalas de comprimento articular, uma adaptada de Crubéry et al. 1988 e a outra segundo Assis. 2007, e os marcadores de stress muscular-esquelético foram igualmente classificados segundo o método de Crubéry et al 1988. e estão possivelmente relacionados com as actividades desenvolvidas, e as patologias orais, relacionadas com a alimentação e a higiene.

Foram ainda detetados alguns casos de intervenções cirúrgicas (trepanações), revelando a existência de cuidados médicos.

## 6. Considerações Finais

A amostra osteológica que serviu de base a este estudo é constituída por 271 indivíduos, nos quais estão representados ambos os sexos e todas as faixas etárias. Contudo o estado de conservação dos indivíduos era muito variável, o que condicionou em parte o estudo. Foi no entanto possível reunir informação de extrema importância, que permitiu caracterizar a população que habitava Mértola neste período.

Pode dizer-se que a população de Mértola não seria envelhecida, uma vez que os indivíduos estudados apresentam no caso dos adultos, idade a morte compreendida entre os 21 e os 50 anos. Do total de indivíduos estudados 97 pertencem a não adultos, sendo que destes 42 são infantis onde a morte ocorreu até aos 3 anos de idade, possivelmente relacionado com a mudança de alimentação, altura em que passam do leite materno para a comida de adulto, o que poderá ser um indicador de problemas de subnutrição. No entanto apenas 5 dos infantis estudados apresentam indicadores de stresse fisiológico nos dentes, o que pode ser explicado pelo facto de que em muitos casos os dentes não foram recuperados.

Era uma sociedade que se preocupava em manter os seus costumes e tradições, como podemos comprovar através das práticas religiosas aplicadas á sepultura e ao enterramento.

Os resultados obtidos com o estudo não são definitivos, só se tornaram conclusivos quando englobados num estudo abrangente que englobe toda a população exumada desta necrópole.

## 7. Referências bibliográficas

A. Lourenço (2007): O sonho dos Anjos: Estudo paleoantropológico do material osteológico da Baixa Idade média proveniente do Largo da Igreja Matriz de Mértola. Dissertação de Investigação na área científica de Antropologia Biológica da Licenciatura em Antropologia, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sob orientação da Prof. Dra. Cláudia Umbelino., Coimbra.

A. Silva (1995): Sex assessment using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*, 13: 107-119.

C. Masset (1989): Age estimation on the basis of cranial sutures. *Age Markers in the Human Skeleton*, volume 4. USA.

C. Santos (2002): Estimativa da estatura a partir dos metatársicos. Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

C. Silvério (2008): Mértola medieval: Uma vila com história. Estudo osteológico de uma população da Baixa Idade Média (séc.XIV-XVI) da Alcáçova do Castelo.

Dissertação de Investigação na área de Antropologia biológica da licenciatura em Antropologia, do Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sob orientação do Prof. Dra. Cláudia Umbelino, Coimbra.

C. Torres (1995): “Mértola na época islâmica: o espaço doméstico”, *Ethnoarchéologie méditerranéenne*, pp. 105-119. Madrid, Casa de Velázquez.

D. Currais (2008): Histórias post mortem. Estudos de restos ósseos humanos provenientes da Alcáçova do Castelo de Mértola – Portugal. Dissertação de Investigação na área de Antropologia biológica da licenciatura em Antropologia, do Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sob orientação da Prof. Dra. Cláudia Umbelino. {Não publicado}, Coimbra.

D. Ferembach ; I. Schwidetzky ; M. Stloukal (1980): Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9:517-549.

D. Ubelaker (1989): *Human Skeletal Remains: excavations, analysis, interpretation*. Taraxacum Washington, Washington, 2 edition.

G. Olivier; F. Demoulin (1984): *Pratique Anthropologique à l'usage des étudiants*. Université Paris VII., Paris.

G. Olivier; G. Filly; G. Tissier (1978): New estimation of stature and cranial capacity in modern man. *Journal of Human Evolution*, 7:513-518.

H. Cunha (2011) Mértola: no caminho do passado. Estudo paleoantropológico dos esqueletos humanos exumados de 25 sepulturas da Necrópole Cristã Baixo – Medieval da Alcáçova do Castelo de Mértola. Dissertação de Investigação na área científica de Antropologia biológica do Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, Departamento de Ciências da vida. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sob orientação da professora Doutora Cláudia Umbelino, Coimbra.

I. Leandro (2011): Mértola: testemunhos de um passado medieval. Estudo paleobiológico de 30 esqueletos provenientes da Alcáçova do Castelo de Mértola. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologias Humanas, Departamento de Ciências da vida. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sob orientação da professora Doutora Cláudia Umbelino, Coimbra.

J. BuikstI;a; D. Ubelaker (1994): Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains, *Arkansas Archaeological Survey Research Series NO.44*.

L. Scheuer; S. Black (2000): *Developmental juvenil osteology*. Academic Press, San Diego.

M. Couto (2008): O passado de Mértola. Estudo antropológico de 17 esqueletos exumados da Alcáçova do

Castelo de Mértola. Tese de investigação na área científica de Antropologia biológica da licenciatura em Antropologia, do Departamento de Antropologia.

M. Mendonça (2000): Estimation of height from the length of long bones in a portuguese adult population. *American Journal of Physical Anthropology*, 112:39-48.

N. Morgado (2007): Mértola: Despertar no Presente Recordações do Passado. Caracterização de 19 esqueletos exumados da Alcáçova do Castelo datados da baixa Idade Média. Relatório de investigação na área científica de Antropologia biológica da licenciatura em Antropologia, do Departamento de Antropologia.

R. Monteiro (2010): Paleobiologia da necrópole da baixa idade média da alcáçova do castelo de Mértola. Estudo paleoantropológico de uma amostra de 28 esqueletos. Master's thesis, Departamento de Ciências da vida. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra., Coimbra.

R. Silva (2011): A Mesquita de Mértola e o Segredo dos Ossos: análise antropológica de 16 indivíduos da Baixa Idade Média. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologias Humanas, Departamento de Ciências da vida. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sob orientação da professora Doutora Cláudia Umbelino, Coimbra.

S. Assis (2007): A memória dos rios no quotidiano dos homens: Contributo de uma série osteológica proveniente de constância para o conhecimento dos padrões ocupacionais. Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.

S. Brooks; J. Suchey (1990): Skeletal age determination based on the os pubis: a comparison of ascadi-nemeskéri and suchey-brooks methods. *Human Evolution*, 5(3):227-238.

S. Macias (1996): Mértola islâmica: estudo histórico-arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII - XIII) Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

S. MacLaughlin (1990): Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a modern Portuguese skeletal sample. *Antropologia Portuguesa*, 8:59-64.

S. Gómez (coord) (2008): Alcáçova do Castelo de Mértola 1978-2008: trinta anos de arqueologia, Mértola : Câmara Municipal.

S. Loth; M. Iscan (1989): Morphological Assessment of Age in the Adult: The Thoracic Region. *Age Markers in the Human Skeleton* (ed.), volume 5. Charles C. Thomas Publisher.

S. Wasterlain (2000): Morfé análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da colecção de esqueletos identificados no museu antropológico da universidade de coimbra.

T. Carmo (2011): Estudo antropológico de uma amostra populacional da necrópole da Alcáçova do Castelo de Mértola, (séc., XIV a XVI). Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologias Humanas, Departamento de Ciências da vida. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, sob orientação da professora Doutora Cláudia Umbelino, Coimbra.

V. Lopes (2004): Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo, CAM, Mértola.

## ANEXOS



Figura 1 - Exemplo de fossa parcialmente coberta



Figura 2 - Fossa Simples e indivíduo em decúbito ventral



Figura 4 - Indivíduo em decúbito dorsal em fossa simples com cabeça coberta.



Figura 3 - Fossa totalmente delimitada com enterramento e redução.



Figura 5 - Indivíduo em decúbito dorsal em fossa simples.

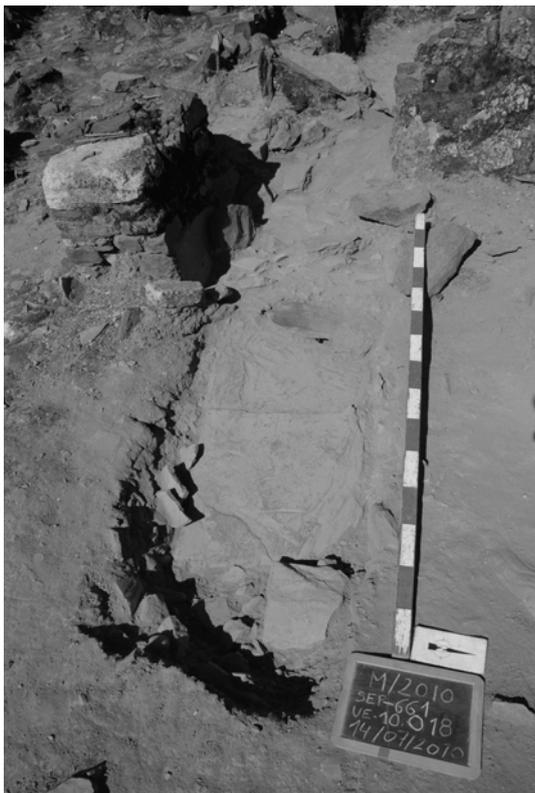


Figura 6 – Sepultura 661 com cobertura total.



Figura 8 – Indivíduo em decúbito dorsal em fossa simples, sepultura 678.



Figura 7 – Indivíduo em decúbito lateral direito em fossa simples, sepultura 675.



Figura 9 – Indivíduo em decúbito dorsal em fossa simples com cabeceira, sepultura 680.



Figura 10 – Indivíduo em decúbito dorsal em fossa parcialmente delimitada, sepultura 701.

ARQUEOLOGIA DE TRANSIÇÃO: O MUNDO FUNERÁRIO

	Patologia degenerativa articular	Marcadores de stresses musculoesquelético	Osteofitose	Patologia traumática	Patologia infecciosa e inflamatória	Patologia metabólica	Patologia congênita	Nódulos de Schmorl	Escoliose	Exostoses	Anquilose	Kayakers clavicle	Osteoc hondritis dissecans	Assimetria dos membros superiores	Gota	Patologia neoplásica	cárie	tártaro	Desgaste oclusal	Indicadores de stresses fisiológico
Adulto masculino	52	73	17	24	13	1	7	17	4	17	3	4	9	3	4	1	42	59	66	28
Adulto feminino	25	40	4	18	8	3	2	13	3	5	2	2	4		1	26	36	40	17	
Adulto indeterminado	5	7	2	3				3				2				3	4	6	3	
Adolescente		1			1		1										3	6	11	5
Infantil					1								1				6	4	8	5

Tabela 3 - Patologias identificadas nos esqueletos estudados.